

# ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 90

Editor,  
Dr. Alberto Rodrigues

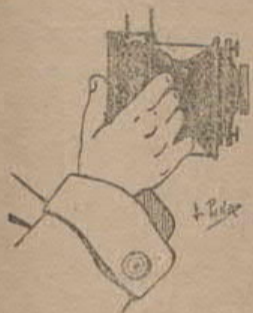
Redacção e administração  
Rua da Republica  
GUIMARÃES

Redactor principal,  
A. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da ALVORADA  
Guimarães, 8 de Agosto de 1912

Secretário da redacção,  
Capitão L. A. Pina Guimarães

Officinas de composição e impressão  
Tipografia Minerva Vimaranesse  
R. DE PAIO GALVÃO



## Em Foco

Carta aberta

### Aos católicos de S. Torquato

Meus amigos:

Voltemos à palestra. Depois que soube da vossa ida a Braga, representados nos desoito cidadãos signatários da representação-protesto perante o arcebispo ou seu substituto, fiquei esperando a vossa atitude para vos dizer mais algumas palavras de verdade. Eu tinha a certeza absoluta da ineficácia dos vossos platónicos protestos.

O prelado bracetense era e é incapaz de praticar um acto de justiça na pessoa do vosso santíssimo abade.

E se no vosso espirito passou alguma vez a esperança de que o prelado bracetense providenciasse no sentido de afastar da vossa paróquia um indigno representante da doutrina cristã, vede agora como vos iludistes! Nós bem vo-lo dizemos. Nós bem vos pregamos a verdade em nome da ciência. Mas eu sei. Eu conheço-vos perfeitamente.

A vossa ignorância das coisas do mundo não vos dá coragem para praticardes actos de justiça.

Aí, nessa freguesia de S. Torquato, não há uma só criatura cuja inteligência tenha a cultura suficiente para compreender o progresso das ideias e sentimentos. E porque entre vós, meus caros amigos, não há um cidadão que tenha os olhos completamente abertos, eis o motivo porque aí vive e medra um abade da qualidade do vosso.

O vosso abade sabe bem onde se encontra, e porque o sabe, *deixa-se estar* muito comodamente na sua cadeira abacial, rodeado de serras como em serralho oriental. Eu lamento com sinceridade, meus amigos, a distância a que vos encontrais da verdade, do conhecimento integral dos progressos científicos da humanidade, da luz que jorra do sol da ciência.

Os que nessa freguesia sabem ler, limitam a sua leitura ao «Jornal de Notícias» e ao Seringador, Saragoçano, ou Borda de Agua, folhetos idiotas, que vós lêdes com certa fé, ou mandais ler pelo vosso filho, que, por acaso, anda na escola. E fora dessas leituras, que nada, absolutamente nada de útil vos leva ao cérebro, que horas dedicais ao espirito?

Nenhumas. Vós desconheceis que gerações e gerações de homens de muito talento e de muito estudo há seculos traba-

ham para dar à humanidade conhecimentos da sua própria natureza.

Vós desconheceis até o que seja a humanidade. Escutai, meus amigos. A terra, em que vivemos, é um globo que gira incessantemente à volta do sol, estrela grandiosa que nos ilumina, aquece e faz viver.

E este globo, chamado a Terra, está povoado, em grande parte, de homens como nós, de raças diferentes, mas de constituição física perfeitamente igual à nossa. Esses homens tem civilizações diversas, diversos costumes, diversas religiões, diversas ideias políticas. Ao conjunto de todos os homens chama-se humanidade. E o ponto principal da minha carta aborrida está, quando vos digo que diversas religiões existem na humanidade. São imensas, meus amigos, e cada agrupamento humano, professando uma religião, considera-a a única verdadeira. Dizia um grande ministro francês, Turgot, que as religiões eram opiniões. Verdade clara.

Já vedes, pois, meus amigos, que, se em vez de nascerdes aí em S. Torquato, nascêsseis na China, a vossa religião não seria a católica, mas sim a religião budista, e se fôsseis marroquinos, seria a vossa religião de Mahomet.

E já que vos falei na China, esse grande país que nós, os europeus, conhecemos e temos como criaturas de rabicho, ridículas e pequeninas, dir-vos hei que a sua religião é superior em preceitos morais à religião católica... mas isso fica para outra palestra. Sómente vos quero fazer compreender que se em cada freguesia houvesse uma escola onde se ensinasse a ler e ao mesmo tempo a história da humanidade através os tempos, a história das religiões através as idades, muito se contribuiria para o desenvolvimento intelectual dos povos, principalmente o povo português, o povo relativamente mais atrasado da terra! Sim, meus amigos, o povo português, que há séculos abriu e desbravou o caminho da civilização, o povo português, que habita uma posição geográfica a mais invejável da terra, em vez de ter sido beneficiado com a sua obra de abridor de caminhos novos, tem marchado pela vida fora com a maior indolência que se pode calcular.

Devia ser o povo mais civiliza-

do do mundo. E' o povo mais atrasado. Porquê? Vão à história da Companhia de Jesus e ficam sabendo a quem devemos a nossa ignorância, o logar inferior em que nos encontramos.

Os povos, como os indivíduos, só se tornam grandes pelo seu trabalho, pelo esforço próprio e nunca contando com o auxilio estranho.

Ora se os meus amigos forem a casa do vosso abade e lá encontrarem o Evangelho segundo S. Lucas 14, 26, verão lá as seguintes palavras de Cristo, que são a negação da família: — *Quem vem para mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus irmãos, suas irmãs, e mesmo a sua própria vida, não pôde ser meu discípulo.* Ora como a família é o elemento primário de toda a sociedade, visto que família, pátria e humanidade são os três esteios sobre que assenta a vida humana, temos de concluir que o próprio Cristo tinha ideias contrárias à própria existência humana.

E a Companhia de Jesus é bem a intérprete fiel dessas ideias, pois o jesuíta não tem pátria nem família.

Ora vós, meus amigos, se possuídes a curiosidade científica, encontrareis nas bibliotecas, nos museus, etc., toda uma vastidão de conhecimentos que vos levaria á conclusão serena de que o verdadeiro culto religioso é aquele que nos faz adorar a nossa família, viver para ela, honrá-la, dignificá-la, perpetuar os seus sentimentos de nobreza de alma, de generosidade ampla e absoluta. Eis o que eu me não cançatei de vos pregar desta doutrina jornalística da «Alvorada», em cartas em forma de palestra, que muito bem vos farão ao espirito e ao coração.

Amigos meus:

Convençei-vos que a Ciência, isto é, o resultado dos trabalhos mentais e materiais das gerações passadas, é a unica fonte onde podeis beber a água da felicidade. Qualquer de vós, se dedicasse umas horas por dia ao estudo das religiões humanas, da antiguidade até aos nossos dias e ao estudo das conclusões científicas a que chegaram Lamarck e Darwin, Spencer e Bäckner, e muitos mais, homens de génio superior a quem devemos tantas e tantas victórias do pensamento e da liberdade, se os vossos olhos pudessem posar com atenção sobre páginas e páginas dos grandes filósofos e historiadores de que a geração humana está cheia, estai certos de que nem o vosso abade poderia viver entre vós, nem a vossa agricultura estaria atrasada como está, nem a vossa indústria viveria com dificuldade como vive, nem a emigração para o Brasil tomaria o carácter assustador que está tomando. Seriam os vossos láres, as vossas filhas respeitadas e honradas, e não se presenciaria o espectáculo ignóbil de ser consentido e apoiado, por um arcebispo,

um abade como o vosso, acusado com justiça de ser um autêntico violador de mulheres e de consciências.

Eu aponto-vos o mal. Eu digo-vos onde ele está.

Reside a causa de tudo isso na vossa ignorância, na vossa cegueira, que não vos deixa ver que, se o abade é representante de Deus na Terra, e Deus é o regulador e o Onnipotente do Mundo, a desonra dos láres e a miséria moral dos homens é um preceito da religião que o vosso abade representa e prega. Eu não vos supponho tão insensatos que não reconheçais o erro.

Sois, sim, duma ignorância colossal. Vós pensais que o mundo principiou há 1912 anos. Vós julgais ainda que o Sol gira à volta da Terra e que Adão foi o primeiro homem.

Ensinaram-vos em crianças a terdes o culto da Mentira. Vamos a vêr se vos tiro a venda dos olhos. Coragem. Muita fé. Meus caros amigos, até breve.

Rabi.



### Gato escaldado ...

Diz-se em letra redonda que Manuel Gaby manifestará a Couceiro o desejo de desembarcar em Vigo e seguir por Pontevedra para Valença ou Chaves, logo que estas praças fortes se rendessem.

Sempre pelo seguro e perto de Vila-Diogo ao primeiro revés, o poltrão... da irmandade de Mafra.

### E' pena!

Numa entrevista com Paiva Couceiro, relatada nos periódicos, declarou este que o dinheiro para as invasões do país pelos seus bandos, que tam boa figura fizeram, provinha dos monárquicos portugueses, alguns dos quais ofereceram toda a sua fortuna, havendo muitas senhoras que se desfizeram das suas joias.

Para gente que tanto apregoa a caridade como integrada somente nos sentimentos religiosos, é para estranhar que tanta generosidade empregada em coisas tam superfúas não reverta antes para a beneficência publica, que tanto carece de auxilio e tanto sofreu já com a concorrência dos coios jesuíticos... de tão chorada memória.

VIVA O EXÉRCITO!

### Manifestação patriótica

Foi sábado passado. Por um convite público da Comissão Política Municipal, tomou a cidade conhecimento de que nesse dia chegava do serviço na fronteira uma força de infantaria 20, comandada pelo tenente sr. Alcídio de Almeida.

Para a recepção se prepararam todas as associações de classe com os seus estandartes, o Centro Republicano, os Bombeiros Voluntários com o 1.º e 2.º comandantes, bem como muito povo.

Não obstante a chuva que continuamente caia, a recepção esteve cheia de entusiasmo e patriotismo, sendo o longo cortejo composto de três bandos de música, empunhando os manifestantes archotes. Chegado em frente do Município falaram brilhantemente os srs. presidente da Câmara, Tenente Valdez e dr. Eduardo d'Almeida, dirigindo-se o cortejo até ao quartel, onde a entrada lhe foi feita de novo ruidosa e quente manifestação, tocando as músicas o hino nacional.

Os clarins dos Bombeiros vibraram estridentemente, bradando a guarda o «às armas!» da ordenança. Já na parada do quartel, dirigiu agradecimentos ao povo o ilustre comandante do regimento, dispersando por fim a grande multidão que acorrera a saudar nos briosos soldados a Pátria e a República.

Cativado o ilustre comandante do regimento, dirigiu o seguinte officio de agradecimento ao povo na pessoa do presidente da Comissão Municipal Administrativa:

«Como comandante do regimento de infantaria n.º 20, ontem honrado num punhado dos seus soldados que regressaram do serviço da Pátria e da Republica, pela briosa população de Guimarães, que num impulso de nobre e louvável patriotismo prestou aos meus soldados a mais carinhosa, cativante e entusiástica das manifestações que tenho presenciado, venho agradecer a V. Ex.ª, legítimo representante do bom povo desta nobre e laboriosa cidade, a prova de consideração, estima e amizade por ela dada ao meu regimento. Saude e Fraternidade.

Quartel em Guimarães. 4 de Agosto de 1912. Manoel Joaquim Froes, Tenente-Coronel.

### O PÃO

A autoridade administrativa e a Comissão Municipal adoptam providências

A vida é uma constante batalha. Vencido um inimigo, logo outro surge. Ontem era o azeite, depois era o Couceiro, logo a seguir vem a questão do pão. Não

NÓS PROTESTAMOS!

Errado processo de fazer a defesa da Republica

se descansa. Um novo dia que desperta é uma nova borrasca que se anuncia. Será a vida um mal incessante? Não. Melhor devemos dizer que a vida é a luta, e só lutando se vive.

O pão está pela hora da morte... de caro. Que dizemos?! Não há pão. Os celeiros estão vazios. A autoridade administrativa, que neste caso tem exercido severa fiscalização, pôde apenas saber, depois de haver procedido a uma espécie de inquérito, que não está retido nos celeiros dos proprietários, como muitas vezes por usura sucede, esse cereal — o milho — tão querido e suspirado pelo pobre. Ainda assim, e porque sempre nestas marés de carestia os regatões se aprestam para o açambarcamento no sentido de especular a sombra da miséria do pobre, providências foram tomadas, já obrigando os depositários a abri-lo na feira por preço mais equitativo, já vigiando as barreiras para que ele não fôsse retido no caminho, com prejuizo dos que pela magra jorna só enceleiram fornada para uma semana.

Entretanto que pela administração se fazia o que no lance é mister, igualmente a câmara telegrafava para o Mercado Central de Agricultura pedindo, com urgência

130 mil quilos de milho para abastecer o nosso mercado, durante dois meses

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do Mercado Central de Produtos Agrícolas—Lisboa.

Tendo o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil de Braga informado esta municipalidade de que o Mercado Central de Produtos Agrícolas da digna direcção de V. Ex.<sup>a</sup> fornecerá o milho que fôr necessário para este concelho, mediante requisição desta Câmara, venho, de harmonia com resolução hoje tomada em sessão, rogar a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a finesa de providenciar para que sejam remetidos para aqui 130:000 litros de milho, assumindo a Câmara a responsabilidade do seu pagamento.

Convinha que a remessa fôsse feita em vagons, um em cada semana, até prefazer a mencionada quantidade de 130:000 litros.

Já na feira passada não apateceu milho algum, devendo acontecer o mesmo na próxima, que se realisa no sábado, sendo portanto de máxima urgência, para prevenir alteração de ordem pública, que o primeiro vagão seja remetido imediatamente.

Guimarães, 6 de agosto de 1912.

O Presidente,

(a) Mariano da Rocha Felgueiras.

Logo que este cereal chegue será aberto à venda pelo preço que fôr adquirido pela Câmara.

Agradecimento

A Comissão Municipal Republicana de Guimarães vem, por este modo, tornar pública a sua muita gratidão para com as associações, colectividades e povo em geral que, a convite seu, se incorporaram no cortejo organizado em 3 do corrente para receber e saudar os bravos soldados de infantaria 20, que vinham de defender com glória a República Portuguesa.

A Comissão congratula-se com essa demonstração solene de patriotismo e amor pelas instituições, que registra com profundo reconhecimento.

Guimarães, 8 de Agosto de 1912.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Prometemos em nosso último número tratar aqui desse caso ou casos passados no jardim público, e onde foi protagonista, — manda a verdade confessá-lo — um elemento que nos dizem pertencer a um grupo de defesa da Republica, acrescentando-se mais que em defesa da mesma tem prestado relevantes serviços, nesta terra!

Sem prejuizo da apreciação que aos factos temos de fazer, digamos quanta simpatia votamos a esses agregados populares e civis que para a boa e patriótica defesa se organizaram pelo país em fora, e onde é da mais restrita justiça reconhecê-lo — só o sacrificio é estímulo e paga. E de passo que este reconhecimento se faz em nós ao recordar esses admiráveis redutos de onde deriva o protagonista dos acontecimentos condenáveis do jardim público, uma pergunta se esboça de passagem, e é esta:

— Mas então ele não há entre os republicanos de Guimarães dedicações e devotamentos capazes de desempenharem, na sua localidade, a acção que a esses grupos civis incumbe fazer?... Sem dúvida que há, — averiguado ficou isso nessas horas de vigília aturada que rigorosamente foi preciso dispensar no momento em que a alcatéia dos traidores se aprestava para o assalto — sendo por isso quasi extranhável que os elementos de casa se trocassem por os de fora. Mas adiante.

Feitas estas considerações que, em parte, digamo-lo, andam no borbulhar das conversas entre correligionários, entremos propriamente no assunto.

Como o facto chegava ao nosso conhecimento

Pelo lugar que ocupavamos na comissão promotora da festa da cidade, junto de nós vieram alguns delegados da mesma contando-nos que a opinião pública estava indignada porque um individuo, na ocasião em que a banda regimental executava a Portuguesa, intimára umas senhoras, de revólver em punho, a conservarem-se até final, visto que elas se iam a escoar para fora do jardim. Parecerá a primeira vista que nada tinha que ver a comissão das festas com o incidente; dado, porém, que o caso se passava dias antes da realização das mesmas, em cujo programa figuravam dois concertos no jardim público, nada mais acertado, como medida de prevenção, que chamar para o incidente a atenção da digna autoridade. Mostrada a conveniência de nos fazermos acompanhar com pessoa que houvesse presenciado o ocorrido, fomos á presença da autoridade para declarar-lhe que se o cometimento ficasse impune, a outro que não á comissão era lícito tomar responsabilidades pelo que de funesto viesse a succeder, no jardim, durante os dois concertos das festas. Cumprido este dever, criado pela situação especial com que a confiança da Associação

Comercial nos havia colocado, restava-nos apurar da veracidade da ocorrência.

O que soubemos e apuramos

A primeira pessoa a quem interrogamos, por nos dizerem que havia assistido á scena, foi o ex-estudante João Artur, indo a nosso pedido e na nossa companhia dizer o que viu na administração do concelho.

Em resumo, João Artur afirmou ali que o referido individuo apontára uma arma de fogo contra as meninas Viamontes, enquanto que duas do mesmo grupo fugiam.

Entretanto contava-se que outras proezas, na mesma ocasião e pelo mesmo delegado do Grupo Portuense, foram cometidas contra um filho do sr. Martins, cartorário da Ordem Franciscana.

Ouvimos Artur Freitas Costa, afirmando-nos que na altura em que saíam os dois do jardim foram abordados pelo citado cavalleiro, o qual, de arma á cara, intimou o seu amigo a tirar o chapéu e a conservar-se em posição de sentido até ao fim.

Ainda no exclusivo intuito de apurar somente a verdade, abordamos Ernesto de Castro, um republicano entusiasta, que acompanhava o citado individuo.

— Pode dizer-nos se é verdade que a pessoa que acompanhava no jardim público puxasse por um revólver e mais por um cavallo marinho para umas senhoras?

— Não é verdade — diz-nos o Ernesto de Castro. — Intimou-as a estarem até ao fim, mas não puxou de arma de fogo ou cavallo marinho.

E acrescentou como esclarecimento:

— Que eu visse, só puxou de pistola contra um sujeito que julgou ser sapateiro. Contra senhoras não...

Conclusão e lógica

Averiguamos por esta forma que o protagonista das scenas condenáveis ocorridas no jardim público, oito dias antes das festas, em vez de honrar, de prestigiar não só o bom nome da causa que se propoz defender, mas tambem o Grupo que aqui o enviou, deu de si um exemplo triste, comprometendo, pela antipatia e desgosto que os seus excessos trazem, a acção de propaganda em que todos nós, republicanos, andamos empenhados. Queremos acreditar que ele se mostre a esta hora, arrependido, se é certo que tem muito amor á Republica. Seja como fôr, — oiçamos bem aqueles que porventura o aplaudem! — nada há que justifique semelhante attitude, pois que ela foi, a despeito dos intuitos de defesa de que se reveste, mais que intolerante — criminosa. Podem tomar-se, no caso em questão, attitudes enérgicas, mas nunca ellas autorizam que façamos uso, como ameaça, de uma arma de fogo!

Isso é... descarregar contra nós próprios.

ensejo de arquivar elementos preciosos para uma comédia ou farsa em três actos, que, depois de oferecida á dignissima Direcção Geral de Instrução Primária, poderá ser representada em todas as escolas para a educação da juventude ser mais completa e avariada.

Os elementos colhidos primam pela originalidade e pela empolgante acção moralisadora num estado republicano.

Logo á entrada deparámos nós

com um lacónico réclamo a letras gordas, que, sem comentários, aqui chimpamos:

Exames de 2.º grau em Guimarães

Há nos júris de exames primários quem seja acusado de vender aprovações e distincções a preços convidativos. As provas escritas também podem ser falsificadas com habilidade.

Proseguindo na nossa colheita por entre os interessados e não interessados, sentimos nos tímpanos um rumorejar vindo até nós, que nos impressiona assim: — A como correm?

Nos desafogados claustros agitavam-se fabricantes os enfáticos comparsas da peça, não faltando o aplomb aristocrata e o cartola contumaz, figurantes indispensáveis para a importância do pedido e para que o cenário dos tempos da ominosa, em nada fôsse novo.

Crianças pobres, sem os aplombs e sem os cartolas; sem os vendidos e sem os falsificadores, olhavam-se desconfiadas como bodes espiatórios do favoritismo.

Uma brisa emanada da podridão de consciências fêz-me recuar e tomar para nota final da apoteose, um grupo de três meninas que as 36 escolas oficiais femininas e mixtas tiveram aprovadas como prémio de tanto labutar, e um outro grupo de rapazes, que não chega a ser de meio rapaz, pelas escolas apresentadas a exame pelo resto dos professores officiais do concelho e cidade.

O pano de bôca para o proscednio da representação desta farça terá os seguintes dizeres: *A Instrução Primária em Guimarães custa 20 contos de réis.*

Quando este trabalhinho de meio rapaz por 50 e tantas escolas officiais se dá com um inspector ferrabrás, o que seria com um inspector bonacheirão?

O público honesto e trabalhador o dirá.

\*\*\*

Guimarães (\*)

¡Cubra-te o sol de flores, mal que a alvorada traga, para o teu povo, um canto alado, formosíssimo burgo acastelado, pelos ardores da Fé e o amor da Espada!

¡Pois sempre, abrindo ao mar — na assinalada origem do teu nome — ao mar ousado dás glória e trabalho alvorçado, — como semente aos ventos confiada!...

¡Cubra-te o sol de glória! E, em longo espaço, tantas flores veja eu no teu regaço, tanta alegria, e tanto amor, também,

que do longe, através o Sonho e a idade, seja menor, por ti, minha saudade, — ¡doce terra de amor, que és minha Mãe!

Agosto de 1912.

ALFREDO GUIMARÃES.

(\*) Feito para ser distribuido na Marcha Milanese no dia 5 de agosto de 1912

Festa da Cidade AS "GUALTERIANAS,"

1.º DIA

A feira de gado

Abriu lindamente o programa das «Gualterianas» — as festas que ainda causam entusiasmo a todos aqueles que amam Guimarães.

A feira de gado foi o primeiro numero, e devemos dizer também: o primeiro triunfo. Nunca tivemos em Guimarães, na festa da cidade, uma feira de gado tam concorrida, com tam belos exemplares animais e um aspecto tão pitoresco. Eram algumas dezenas de contos de réis que ali estavam, sobre as quais os vários marchantes da cidade e arredores fizeram um belo negócio.

O campo — ao principio da Avenida Miguel Bombarda — estava circundado por várias tendas de comes e bebes, tomando o restante terreno, sobre a Avenida e até ao caminho das Capuchinhas e Praça da Republica do Brasil, o gado bovino em feira.

Mais uma vez se provou que, se o mau tempo nos não persegue, as festas da nossa terra (seja qual fôr a comissão organizadora) serão boas; e isto só pelo nome que elas ganharam com o auxilio de todos os vimezanenses.

A comissão que devia classificar as melhores juntas chegou ao local da feira ás 11 1/2 horas da manhã, distribuindo, depois de ter analisado grupo a grupo de animais, os respectivos prémios.

O festival de sábado

Choveu...  
Choveu...  
Choveu...  
Choveu...  
Choveu... até que toda a gente adormeceu...

2.º DIA

A alvorada de domingo

Uma alvorada bonita a de domingo!

Quem tivesse despertado cedo veria o nosso monte da Penha todo iluminado dos reflexos de uma enorme nuvem rosada, como mais linda a não podia pintar um pintor idealista e amigo das nossas paisagens.

As bandas contratadas para as «Gualterianas» — com excepção das bandas militares — percorreram as ruas de Guimarães, annunciando o mais belo dia de festa de quantos a nossa terra natal costuma ter.

Dos arredores e nos primeiros combóios chegou, logo após as seis horas, um grande numero de pessoas: lavradores com os seus merendeiros e as suas chuladas; brasileiros de guarda-pó aberto e a malva de paninho lançada ao ombro; familias burguezas de todas as sortes e, dentro das carriolas, cavalleiros de Fafe, Basto, Braga, Vizela e outras localidades.

Enquanto as músicas correram e nos passavam, com uma imensa alegria, á portada do prédio, lá se ia apertando o colarinho, traçando a gravata, esticando os suspensórios; e ás oito horas a cidade estava de pé—toda ela de pé! —pronta a trabalhar na funçanata destas «Gualterianas», que a todos causam alvoroço.

### Exercício dos Bombeiros Voluntários

Depois da chegada da banda de infantaria 8, de Braga, que se realizou ás 10 horas da manhã, principiaram os clarins da companhia de bombeiros a dar sinal, pelas ruas, do exercício que ia realizar-se, tendo este lugar, uma hora depois, no prédio do sr. Luís Bastos, ao Passeio da Independência.

A companhia dos bombeiros appareceu completa e sob o comando dos srs. Simão Costa e José Luís de Pina. O exercício que realizou mais uma vez prova que em Guimarães está organizada uma das mais completas e dextres corporações de bombeiros de todo o país, não só pela rapidez e proficiência com que as manobras são realizadas, como também pelo esplêndido material de serviço que a corporação vimaranense possui.

Não somos técnicos, mas vimos que sob o sinal do respectivo comandante todos os serviços eram realizados com uma presteza extraordinária, não se sentindo, por parte dos bombeiros executores, a mais leve hesitação.

A corporação dos nossos bombeiros—temos muito prazer em dizê-lo—honra a cidade de Guimarães.

Muitos e muitos parabens!

### Batalha de Flores—Um espectáculo admirável

As cinco e meia da tarde rompeu o cortejo do lugar do Proposto, o qual reunia um carro levantando uma enorme barca, comportando varios marinheiros empregados no comércio; um landau esplêndido com os srs. D. Roseira e D. Aida Vilaça e sr. João Rodrigues Loureiro; um outro landau, encantadoramente decorado a azul e violeta, com os srs. Amadeu e Alvaro Carvalho; um breck, decorado com grandes palmas, girasóis e moitas enormes de dalias, com os srs. Alfredo Guimarães, Jerónimo Almeida e Alberto Martins Fernandes; um carro com flores e adornos vermelho, negro e violeta, com os srs. Gualter de Souza Lobo e Adriano Trepá; um outro landau decorado a azul claro; um carro da comissão, com os srs. António Lopes de Carvalho, José Salgado, José Ramos e Alberto Teixeira Carneiro, e alguns outros carros (landaus, victórias e automóveis) de cuja tripulação nos não lembra neste momento os nomes.

O cortejo deu a volta do costume através as ruas de Paio Galvão, Largo de D. Afonso Henriques, Passeio da Independência, S. Dámaso, Senhora da Guia, Oliveira, Rua da República, Largo da Misericórdia e Toural, entrando logo na rua de 31 de Janeiro, onde o combate aguerrido ia travar-se.

O aspecto da rua era admirável! Não temos palavras para descrever ao vivo a multidão que se aglomerava dos passeios ao último andar de cada prédio, tão cercada ela era e tão belo o seu aspecto. Nas janelas, a toda a extensão da rua longa, viam-se todas as senhoras da nossa terra e ainda muitas outras de Santo Tirso, Porto, Paços de Ferreira e Braga; e o colorido das toilettes, envolto no movimento contínuo das serpentinhas, era feérico.

Realmente, após cinco minutos da chegada do cortejo, a luta estava travada. Numa onda permanente de braços de flores arremessadas de um para outro lado, sentindo-se bem definida uma alegria feliz e mção, a batalha foi em todos os lugares um espectáculo encantador. Dificilmente se podia conseguir reunir uma assistência daquela ordem, já pelo seu realce, já pela alegria que manifestava. Nas bancadas erguidas contra o muro, junto do corte da travessa de Val-de-Donas, não havia um lugar devoluto, e grande número de senhoras e cavalheiros que ali se encontravam, a maioria dos quais não eram vimaranenses, jogavam com verdadeiro prazer.

Dos carros, quanto ao gosto das suas decorações, não podemos falar—visto que um jornalista narra factos e não tem que emitir opiniões. Eram lindos alguns dêles, e o que é melhor é que os nossos rapazes portaram-se á altura das responsabilidades que lhes dá... a sua idade. E não querendo falar de qual foi o grupo da rua que mais jogou, tam pouco destacaremos a janela de outra linha de fogo que foi mais activa e certa. Diremos apenas que a batalha terminou ás sete e meia e que toda a gente ficou alegre, aplaudindo o vigor dos combatentes:

—Bravo! Um lindo numero!

### Festival nocturno—As iluminações da cidade causam um enorme successo

Após a batalha anoiteceu. O senhor Sol escondeu-se; je pena foi que a comissão das festas se não tivesse lembrado de ir, com sobrecasaca e cartola lustrosa, á despedida de Sua Excelência!

Noite feita e comido o jantar, voltamos todos á rua e encontramos a cidade toda ardendo—é o termo—sob a feeria das iluminações.

Principiando pela Praça da República do Brasil, diremos: eram duas lindas avenidas de lumes vermelhos e dourados, os quais—se não foram de tam belo resultado como o desenho que um distinto amator, o sr. Martinho de Sousa Lobo apresentou—não deixavam contudo de causar uma tal ou qual sensação. Com a iluminação das barracas que se haviam colocado em torno do largo e a enorme onda de lavradores que ali subia e descia, em continuo rumor, o largo da República do Brasil produzia um belo efeito.

Rua da República—Decoração artística de Abel Cardoso, cujo plano foi, também, bastante estropejado, porque, a completar-se, ficaria de um efeito surpreendente no seu estilo gótico, encimados os arcos com as esferas armilares e rematados os angulos das voltas com flores manuelinos. Embora a irregularidade da rua a prejudicasse ainda bastante, agradeu o seu conjunto.

Largo de D. Afonso Henriques (Toural)—Decorações de José Ribeiro de Freitas, formada de elegantes arcos também prejudicados pela falta de tempo, mas que, entretanto, se salientavam e produziam agradável efeito.

Passeio da Independência (Jardim) exterior e interior.—Projectos de José de Pina e capitão Pina, respectivamente, não chegando a concluir-se as ornamentações por contrariedades de tempo. Ainda assim o efeito era soberbo, ouvindo-se fazer as melhores referências ás decorações do jardim, iluminado a electricidade, grisetas e túlipas.

### Festival no jardim

Embora prejudicado pelo ar frio da noite, a concorrência foi regular, vendo-se ali a sociedade elegante, que muito apreciou não só o concerto das bandas unidas do 8 e do 20 de infantaria, mas ainda o grupo das festadas que obteve o 1.º prémio, e que apresentava um soberbo rancho de raparigas de Santa Eulália de Candozo.

Durante o festival subiram ao ar vistosos aerostatos e a meia

encosta da Penha queimou-se um lindo fogo no qual se distinguio o bouquet final de surpreendente efeito, da casa Silva & Filhos, de Viana de Castelo.

### 3.º DIA

#### Prova ciclística—Percurso 70 k.

São de músicas e estrépito de foguetes. Sol entre nuvens.

Partem ás primeiras horas do alvorecer os 10 corredores inscritos para a prova de resistência. São eles: Alvaro Guimarães, Teotónio Cardoso, Joaquim de Sousa Neves, António de Sousa Pinto Junior, Francisco Fernandes, Alberto de Sousa Pinto, António Lopes da Cunha, Domingos Barbosa de Oliveira, António Ribeiro Junior e Eduardo de Freitas Ribeiro.

Num automóvel, obsequiosamente cedido e guiado pelo sr. Alvaro Costa Guimarães, segue, com alguns membros da comissão ciclística o bombeiro farmacêutico sr. Henrique Gomes, fazendo as etapas da corrida.

Resultado:

- 1.º vencedor: António Ribeiro Junior. Gastou 2 h., 48 m., e 42 s.
  - 2.º vencedor: Eduardo de Freitas Ribeiro. Gastou 2 h., e 57 m.
- Ambos os vencedores montavam em máquina «Derby» de que é depositário nesta cidade o sr. Benjamim de Matos.

#### Recepção ao Colégio dos Orfãos de S. Caetano, de Braga

Uma girândola fende os ares e duas bandas executam o hino da Cidade.

Há cumprimentos, erguem-se vivas e organisa-se o cortejo até á Câmara.

O presidente, vereação e autoridade administrativa apresentam os seus cumprimentos ao ilustre Provedor do Colégio sr. Bento de Oliveira e ao presidente da direcção do mesmo sr. dr. Faria. A banda do Colégio executa depois da «Portuguesa» a Canção do soldado, sendo cantada pelos 110 alunos.

As 14 horas visitam a Sociedade e ás 19 voltam para Braga, sem que a chuva os deixasse realizar a anunciada festa desportiva.

#### Feira cavalari e distribuição de prémios

Como do programa constava, fez-se a distribuição dos prémios aos que melhores exemplares apresentaram nas grandiosas feiras de gado bovino e cavalari.

A Comissão Técnica da Remonta do Exército adquiriu 8 solípedes, fazendo-se a escolha no pátio da casa do Proposto.

Todo o resto do programa do 3.º dia das «Gualterianas», ficou prejudicado, porque, choveu... choveu... choveu, com excepção do concerto pelas bandas regimentais de infantaria 8 e 20, que teve lugar no teatro de D. Afonso Henriques.

#### Festa Desportiva

#### —Marcha Milaneza—Festival no jardim

No domingo, 18 do corrente, efectuar-se hão estes números das «Gualterianas», publicando-se oportunamente o programa circunstanciado para que de todos seja conhecido, e bem assim atráia á nossa terra concorrência que a inconstância do tempo afugentou.

Aosolicitos correspondentes roga a Comissão mais um serviço prestado á terra de Guimarães, fazendo o respectivo reclame, sobretudo da Marcha Milaneza, pois é evidente que pela sua originalidade muito interesse despertará.

### Fóra dos seus logares

Por esse país além estão fóra dos seus logares muitissimos empregados públicos: uns, porque nada sabem do officio em que foram providos, outros porque preferem receber em sua casa, livres de consumições e canseiras, os emolumentos que lhes competem.

Seja por uma razão, seja por outra, ou seja até por ambas conjuntas, o certo é que muito empregado público vai gosando placidamente em sua casa o ordenadinho com que o contemplaram, descontada, é claro, a percentagem que destina ao pobre do empregado que o substitue na injustificada ausência.

Cá por Guimarães também ha disso, louvado Deus. Temos aí, pelo menos, o Conservador do registo predial, que, desde que foi despachado para este lugar, apenas esteve a desempenhá-lo uns dias... para fazer a parte. Depois... raspou-se para o seu solar, e era uma vez um Conservador.

Ora isto não tem geito. A República deve cortar estes abusos, estas imoralidades... para não lhes chamar-mos outra coisa mais feia.

E agora, que parece tratar-se de chamar á ordem os empregados públicos que estejam fóra dos seus logares, recomendamos o aludido Conservador ao ilustre Ministro da Justiça.

## Reportagem

**Anuário.**—Recebemos o anuário do Internato Municipal anexo ao Liceu Nacional de Guimarães—1910-1911—(15.º ano), precedido do programa de ensino primário e secundário e comercial, com esclarecimentos e condições sobre ginástica, alimentação, férias e visitas, enxoval, recreatório, etc.

Transcreve algumas apreciações feitas ao Internato pela imprensa, e enriquecem-no algumas fotografuras que dão bem a ideia da excelência daquele estabelecimento modelar de ensino, acompanhados de quadros de frequência e de estatísticas de ensino, horários, relações do pessoal e dos alunos das diferentes classes da frequência.

—Foram capturados hontem, como supostos conspiradores, os srs. dr. António do Amaral, advogado; António de Andrade, estudante; Joaquim de Sousa Neves, filho do marceneiro João de Sousa Neves; e José Maria Leite, filho do industrial Bento José Leite. Esperam-se mais.

—Para a sua propriedade de Gondomar, acompanhado de sua dedicada irmã, seguiu ontem o nosso amigo e correligionário Abel Cardoso, onde, como costume, não perderá ensejo de aplicar o seu talento artistico no estudo da natureza... pintando-a.

—Fez exame de instrução primária, 2.º grau, ficando aprovada, a aluna do colégio de S. Francisco, Maria Amélia Gonçalves Coelho.

Parabens. —Foi profusamente distribuido pela cidade, durante as festas, um panfleto intitulado *Os Padres*, transcrição feita do jornal «O Mundo», devido á iniciativa dos Grupos de Defesa da República e Germinal, de Braga.

## Arrematação

(1.ª Publicação)

No dia seis do próximo mês de Outubro, pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, ha de proceder-se em

hasta pública á arrematação do prédio abaixo mencionado, o qual será entregue pelo maior lance oferecido acima da avaliação e foi penhorado na execução hipotecária instaurada neste Juizo por Maria Alves da Cunha, autorizada por seu marido José Alves Dias, do lugar de Fermil de Cima, freguesia de S. Miguel das Caldas, desta comarca, contra Manuel da Costa, da rua Elias Garcia, da freguesia de São João das Caldas, desta mesma comarca, Domingos da Costa Barrocas, casado com D. Idalina Pereira da Costa, residentes na povoação de Vizela, e Joaquim da Costa Barrocas, representado por João Gualdino Pereira, desta cidade, na qualidade de administrador da sua massa falida; a saber:

Uma propriedade composta de casas sobradadas, com salas, quartos, cosinha sobradada e cosinha térrea, situada, com os números de policia 30 a 34, na antiga travessa de S. João, hoje rua de Joaquim Pinto, na freguesia de São João das Caldas, desta comarca, tendo nas trazeiras e fazendo chave para norte um barracão de tabique, telhado, *retrêto* telhada, terras de horta e árvores avidadas, ramada, pço, bomba e tanque, e ao sul, em ponta aguda, um pequeno jardim com ramada.

E' de natureza de praso, fofeira a Francisco da Silva Salgado, solteiro, maior, proprietário, da dita freguesia de São Miguel das Caldas, a quem se paga o fôro de 2:250 réis, e foi avaliada, já com dedução do mesmo foro, na quantia de 1.755:000 réis.

Ficam citados não só quaisquer credores incertos, mas também os herdeiros ou representantes do falecido credor hipotecário, inscrito no registo, Joaquim Pinto de Sousa Castro, morador que foi na freguesia de São João das Caldas, desta comarca.

Guimarães, 3 de agosto de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 4.º officio,

Joaquim Penafort Lisboa.

## ANUNCIO

Pelo Juizo de Direito desta comarca, e cartório do escrivão abaixo assinado, correu seus termos uma acção com processo especial, em que é autor Domingos José de Sá, desta cidade, e ré Maria da Conceição Vieira, da cidade de Braga, e por sentença de 25 de Julho próximo passado, que já transitou em julgado, publicada em audiência da mesma data, foi autorisado o divórcio definitivo entre aquêles cônjuges, o que se faz público para os efeitos legais.

Guimarães, 7 de Agosto de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,

Manoel Ribeiro de Sousa Mascarenhas.

# A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Esta sociedade operária, encarrega-se da execução de qualquer trabalho concernente às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como o provam diversos trabalhos já executados, dos quais, além da seriedade em que são executados, resulta grande economia para os Srs. proprietários das obras, atendendo às vantagens que gosam as Sociedades Cooperativas,

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

## PADARIA

—DE—

Joaquim de Sousa Neves

Especialidade em BIJOU, e pão de milho

Rua da Liberdade (à Cruz de Pedra)

GUIMARÃES

# Ao Chic da Moda

DE

## Camilo Alves de Almeida

12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e mindezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovaes. Chá preto e verde.

## PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

## DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

## DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

## Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

## ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura

Preço das publicações

Anno . . . . . 1\$200 rs.  
Semestre . . . . . 600 "  
Brazil, anno (moeda forte) . . . . . 2\$500 "  
Numero avulso . . . . . 20 "

Anuncios e communicados, por linha . . . . . 40 rs  
Repetição, por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contracto convencional.  
Anuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.

## Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da Republica, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.

Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

ALVORADA

Ao Cidadão